

Eu penso que quem nada tem a esconder terá tudo a ganhar com a transparência. E transparência é provavelmente das coisas que mais nos falta nos últimos tempos na sociedade portuguesa.

Portanto partindo deste princípio, o da transparência e o de que quem nada tem a esconder – peço desculpa por repetir – tem tudo a ganhar com essa mesma transparência eu quero-vos dizer, enfim, situar um pouco a minha comunicação.

Eu em Agosto tinha ouvido falar do Congresso e contactei a Associação e propus fazer uma comunicação, não ouvi nada da Associação, absolutamente nada e insisti imenso em Setembro e disseram-me, até final do mês que me iam dizer qualquer coisa e nunca me disseram e devo dizer já que isto não é uma crítica no sentido de criticar, não, não é, estou só a situar a minha posição. Só quem nunca organizou nada é que não sabe a dificuldade que tem, a complexidade que é.

Portanto eu quando recebi a semana passada, sexta-feira para ser mais precisa, um e-mail a anunciar o programa da conferência respondi imediatamente, que bom que vai ter lugar o Congresso, porque eu pensei sinceramente e honestamente que tinha sido adiado ou que tinham desistido ou qualquer coisa, mas ainda bem lá estarei.

Entretanto, decidi imprimir o anexo que tinha o próprio programa e à minha maneira, que é ler do princípio ao fim. Mais para o fim vejo que estava lá, que era hoje a esta hora, fiquei contente, mas disse que pena não ter sabido antes, tinha-me preparado de outra forma. Entretanto mandei um e-mail, muito obrigado e afinal o único problema foi um pouco de comunicação e portanto cá estou.

Não é para me desculpar, eu sei o que quero dizer, mas não tenho uma coisa escrita, não tive tempo, de facto de sexta-feira até hoje de facto a minha vida não permitiu. Nesse contexto e também acreditando que o mais importante nestes congressos, conferências o que seja, o mais importante é o convívio e o debate, portanto as pessoas virem aqui falar é um pretexto e é um ótimo pretexto, mas o mais importante é o convívio, eu quero-vos dizer que dormi muito pouco e não sou daquelas pessoas que precisam de dormir pouco, eu sou daquelas pessoas que precisa de dormir bastante, mas dormi pouco porquê?

Estive no Altis ontem à noite, saí dali já era uma hora e fui para casa e não conseguia dormir, mas é que não conseguia mesmo, isto é mesmo verdade, e na minha cabeça passavam frases, passavam imagens desde o Vítor Constâncio a falar do orçamento e a dizer que o Código do Trabalho é para cumprir, estamos aqui para cumprir o Código do Trabalho, que raio de frase. A passar desde o António Guterres que como é que ele disse a política um *reality show*? Depois de repente um bocadinho mais seguir estive nesta sala ou na outra, não sei, se calhar foi nesta a ouvir o João César das Neves – Ah eu não estou a dizer doutor, nem professor, nem engenheiro a ninguém, porque isso é um dos males da nossa democracia, acho que ganhávamos todos muito mais se fossemos cada um de nós o cidadão Manuel X, Filipe não sei quanto, e pela minha parte faço o que posso para isso ir mudando – portanto estive aqui numa sala a ouvir o João César das Neves, por favor, sabem aquele jogo toca e foge, a gente pode tocar, agora toca e foge não se

admite em democracia. Portanto o João César das Neves esteve deste lado a dizer uma série de ideias que são as dele, altamente provocatórias, altamente discutíveis, mas assim que falou foi-se embora e portanto deixou as pessoas a debater sozinhas, belo exemplo de democracia. Depois continuando pela noite estava eu a tentar dormir, já eram três, já eram quatro ouvia a Paula Teixeira da Cruz «a liberdade é o fardo maior que nós carregamos», por favor a liberdade é o fardo maior? Ela repetiu aquilo três mil vezes, estas coisas preocupam-me, mas preocupam-me mesmo. Depois ouvimos diabolizar a televisão, a televisão é o mal de todos os males, por favor, quer dizer, deitem fora a televisão, desliguem o botão e estas coisas não me saiam da cabeça, não me saiam da cabeça.

E portanto, como já passaram quase cinco minutos eu vou passar propriamente ao tema, se quiserem a Constituição da República nos artigos a partir do 120.º, que aborda a questão da eleição do Presidente da República é muito simples, no fundo diz quem é que pode concorrer, quem é que se pode candidatar a ser Presidente da República, o cidadão português, mais de 35 anos, pronto está definido, depois é preciso ver o que é um cidadão português, mas também não é assim muito difícil, aceitemos nós enfim os preceitos que lá estão para definir um cidadão português, tem que ser um cidadão eleitor, tem de estar recenseado, também faz sentido, não há grande problema. Depois, isto está claro, diz que tem que ser entre 7500 a 15 mil cidadãos eleitores a propor a candidatura desse tal cidadão. Outra coisa que eu faço aqui um parêntesis, nunca me ouviram dizer cidadãs, cidadãos, portuguesas e portuguesas, eu ainda acredito nos substantivos colectivos, portanto eu não estou a desvalorizar as senhoras quando não disser portuguesas e por aí foram, portanto acho que vamos simplificar as coisas e portanto, a questão é havendo os 7500 a 15 mil cidadãos que queiram propor alguém para ser candidato, desde que esse alguém concorde, esteja de acordo, lhe apeteça, esteja para aí virado, acha que vale a pena, é assim que se processa a questão das candidaturas à Presidência da República, é muito simples. Isto é a teoria, agora a prática?

A prática é o que nós vemos constantemente, as sondagens todas sobre os eventuais candidatos, que eu chamo que é o saco, portanto não há mais ninguém em Portugal que o Cavaco Silva, que o António Guterres, com todo o respeito, todo o valor que essas pessoas tenham, mas eles próprios que não disseram que são candidatos, porém, a Comunicação Social o que faz? As sondagens sobre pessoas que ainda nunca disseram sequer que querem ser candidatos, isto é absolutamente fabuloso, isto é giro dá para nós efectivamente analisarmos aquilo que nos querem tentar fazer. Bom, entretanto, voltando um bocadinho à questão da lei, a lei diz depois lá mais para a frente na lei já eleitoral, já saímos da constituição, já estamos numa lei mais que se aplica à eleição diz, sim senhor os partidos não podem ser eles a propor ninguém, mas podem se assim o entenderem apoiar posteriormente algum dos candidatos, faz todo o sentido porque não? Com certeza. Agora o que nós vemos e com a maior das naturalidades é os partidos a discutirem quem vai ser o nosso candidato e depois há assim uns mais ajuizados que dizem, bom e tal não é bem isso, vamos ver se fulano tal se vai disponibilizar, se nos convém. Eu gostava imenso de perguntar às pessoas desses partidos, mas porque é que convém mais um ou outro, porque é que tem que ser da cor partidária? Aquela velha frase, não a sei bem confesso, eu não estava em

Portugal, não é uma desculpa é verdade, e na fase do Sá Carneiro eu não estava em Portugal estava a viver noutra país e portanto há aquela velha frase «uma maioria, um Governo, um Presidente», não era isso? Mas que absurdo, mas nós hoje em dia ouvimos essas coisas como seja – ainda por cima as pessoas que morreram têm sempre mais naquilo que dizem, para já nós já não as podemos confrontar, e portanto as pessoas que ainda estão vivas usam essas frases como sejam reflexo de virtude, portanto fantástico. Fantástico? Mas que coisa terrível e ao dizer isto eu lembro-me também das palavras do Garcia Pereira, se não me engano também ontem a dizer, «cuidar da democracia não é a ditadura da maioria», não é porque eu tenho 51 por cento, eu agora faço, quero, posso e mando, uma democracia é o respeito pelas várias tendências, pelas minorias também, e portanto para mim sempre fez uma confusão, sempre considerei um absurdo esta questão da maioria. Aliás quando se fala e muito se falou ontem e outra coisa que me fazia e que me fazia não conseguir dormir foi o pessimismo, o pessimismo que eu ouvi, que eu senti nas comunicações durante o dia de ontem, sem apontarem sequer uma pequenina réstia de caminho e dizer a democracia é o que temos, é o que temos, não há hipótese. Daqui a pouco democracia é uma palavra vã, mas que democracia? Mesmo aquilo que nós hoje em dia poderíamos ter como sistema nem sequer o cumprimos, portanto com isto tudo eu não conseguia de todo dormir, porque são coisas que são muito preocupantes, porque e eu sei que isto é verdade, há muita gente no nosso país que tem visões de acção, de intervenção, de participação. Ouvi aqui uma, mas que não são ouvidos, porque não passam nos meios que toda a «gente» ouve e vê. Ontem vi aqui uma intervenção fantástica do Mamadou Bá, não o conhecia, um senegalês que está cá há nove anos, uma intervenção fantástica, de no fundo análise da nossa Constituição aos imigrantes, aos estrangeiros neste país, mas ele e outros não passaram nos noticiários, a única coisa que passa nos noticiários é mais do mesmo, que é isso que eu acho que é uma falta de criatividade, é uma falta de coragem. Mais do mesmo, o António Guterres a gente já o ouviu falar milhares de vezes, o Vítor Constâncio aspas, a Maria José Morgado ainda hoje de manhã liguei-me, tentei ligar o rádio, quem lá estava? As declarações da Maria José Morgado, com todo o respeito por essas pessoas, que ninguém aqui me interprete mal, mas este Congresso, o verdadeiro interesse deste Congresso é o outro lado, é as pessoas que durante anos participam, que lutam, que intervêm, que efectivamente têm o que se pode chamar uma cidadania activa, aliás eu não sei o que é ser cidadão se não for activo, se não é cidadão activo é um número, enfim o que queiram chamar. Para ser cidadão tem que ser activo se não como é que se tem esse direito a ter esse rótulo?

Portanto, só indo um bocadinho mais além e vou-me calar daqui a dois minutos, há duas coisas ou três, mas eu vou abreviar, que me chocam na lei eleitoral, não sei se sabem essa questão dos tais 7500 a 15 mil cidadãos eleitores têm que propor, só podem propor um candidato ou seja só podem apoiar um candidato e dá direito a prisão, vejam bem de dois a três anos de prisão efectiva, está na lei, se por acaso eu apoiar o cidadão A e o cidadão B, mas o que isto? Quer dizer isto está no tempo de se mudar a lei, isto é mais uma vez uma colagem à partidarização da questão, que é dizer se eu apoio X é porque quero que ele ganhe. Não, eu se apoio A ou B é porque acredito que é positivo socio-político-partidária, não partidária do país ter aquelas pessoas enquanto candidatos e que eu na campanha é que eu os vou conhecer,

portanto isto é uma coisa que pode parecer um somenos, não é um somenos é muito importante, tem a ver com uma filosofia, tem a ver com uma postura de base, que é dizer eu apoiar é ir votar e não se pode votar em duas pessoas na mesma eleição, não há nada mais falso, para que é que servem as campanhas? De facto a gente pode ser cínico e dizer não servem para nada está tudo feito, não eu recuso-me, recuso-me a achar que está tudo feito, que está tudo combinado, porque nós não nos podemos esquecer de um gravíssimo problema, como ontem alguém dizia não é só em Portugal. Está bem não é só em Portugal, pior para nós, do elevadíssimo grau de abstenção. Como é que nós podemos estar contentes – não sei se estão como é óbvio – com os níveis de abstenção que temos, quando há pessoas que têm medo de dizer aquilo que pensam? Isto não é uma ficção, isto é verdade, hoje em dia, 30 anos depois há pessoas que têm medo de dizer aquilo que pensam, têm medo de agir consoante as suas convicções, portanto há muito, muito a fazer e eu conto com vocês no debate.